

Uma leitura feminista da narrativa de Alina Paim

Ana Maria Leal Cardoso¹
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Alina Leite Paim, sergipana de Estância nascida a 10 de outubro de 1919, estende como uma marca a mais, no relógio da história da luta das mulheres, evidenciando que a participação feminina nas letras sergipanas não é tão vazia de referencial como se supõe. Sua obra rompe com esse estado de coisas em que a mulher é sempre uma célula menos, pondo em questão as relações sociais e de gênero. Partindo dessa perspectiva, este artigo apresenta uma leitura feminista do romance *A sombra do patriarca* (1950) pelo viés de gênero. A representação da identidade da mulher e o espaço da família estão em jogo nessa narrativa, na qual o sujeito feminino ganha destaque.

Esse romance permite uma leitura da dinâmica dos conflitos vividos no seio de uma família tradicional nordestina, centrada da figura do pai, em torno de quem tudo gira. A narradora relata o espaço doméstico, priorizando as relações familiares: mãe/filha, marido/mulher, irmão/irmã para mostrar que em todas elas a hipocrisia tem espaço reservado. Tal modelo patriarcal resgatado pela narradora é uma herança da sociedade colonial, nela, a família era necessariamente o grupo dominante no processo de socialização.

Aline Leite Paim, contemporânea de Clarice Lispector, aos 23 anos, inicia sua trajetória literária com o romance *Estrada da Liberdade* (1944), que narra a história da personagem Marina, uma jovem professora que vivencia o lado amargo de trabalhar em um bairro proletário da grande Salvador. O romance parece ter caráter autobiográfico, uma vez que se baseia na realidade da autora que em criança vira de perto a fome e a miséria assolarem seu mundo. Depois vieram *Simão Dias* (1949), *A Sombra do Patriarca* (1950), *A Hora Próxima* (1955), *Figueira Brava*, *Sol do Meio Dia*, *O Sino e a Rosa*, *A Chave do Mundo*, *O círculo* (esses três últimos compõem a trilogia de Catarina), *A sétima vez* e *A Correnteza* (1979). As obras *Estrada da liberdade*, *Simão Dias*, *A sombra do patriarca* e *A hora próxima* foram traduzidas para

¹ Profa. Adjunta da UFS, coordenadora do grupo do CNPQ Estudos de Literatura e de Cultura. Pesquisadora vinculada do CEPESI.

o alemão, russo e chinês. A escritora sergipana – que alia ao seu talento uma dignidade humana fora do comum – também contribui para a produção literária voltada para a criança com os contos *A Casa da Coruja Verde*, *Luzbela Vestida de Cigana*, *Flocos de Algodão*, *O chapéu do Professor*, entre outros.

A narrativa de *A sombra do patriarca* está dividida em duas partes: a visita da protagonista à fazenda Fortaleza, metáfora do mundo moderno, e a chegada a Currul Novo, metáfora da liberdade. Através da história da personagem Raquel, testemunha-se não só a luta do proletariado em face das exigências do mundo capitalista baseado na divisão de classes, mas o preconceito contra a mulher no meio rural do Nordeste, onde tudo parece girar em torno da prepotência do senhor de engenho.

A função reguladora e moralizante da família, na obra de Paim, efetiva-se no espaço da casa da fazenda, em oposição ao espaço da cidade, onde convivem a ordem e a desordem. Raquel não se enquadra nas práticas sociais ditadas pelos códigos vigentes porque não aceita levar a mesma vida que sua mãe e suas tias levaram, casando-se contra a vontade; o casamento é o destino inevitável das mulheres que estão sob as rédeas do Sr. Ramiro – a grande sombra social –, que as oprime e isola, fazendo ruir todos os seus sonhos de liberdade. No microcosmo da “Fortaleza”, onde a personagem se encontra, estão representados diversos aspectos da condição feminina, como a repressão sexual e a falta de perspectivas existenciais: Anita sonha com grandes paixões, Leonor com uma vida de aventura e com a possibilidade de galgar elevado patamar cultural, Joana Louseira, a roceira, em conhecer a cidade grande e “melhorar” de vida financeiramente, além de patrocinar educação para suas crianças.

Para os estudos de gênero, a representação da família é um ponto de destaque. Com o descentramento do pai a mulher ganha mais visibilidade. As pesquisadoras feministas destacam a importância da família na construção da identidade de gênero, pois a família, como lugar de adestramento para a adequação social, é, muitas vezes, a responsável pelos conflitos narrados; o resgate da infância, retomando a família de origem, torna visível a ação repressora do condicionamento familiar (Cf. XAVIER, 2006, p. 06). A temática da família é muito recorrente nos textos de autoria feminina porque o espaço doméstico é autenticamente feminino, o que torna mais fácil descrevê-lo. A família é, portanto, um tema que se impõe àqueles que se interessam pela problemática feminina, independentemente do campo do saber que se pretenda abordar.

Elódia Xavier afirma que “a narrativa brasileira do Modernismo para cá é rica de representações de conflitos de natureza familiar, sendo a família um motivo muito explorado, sobretudo a família nuclear burguesa dessacralizada pelo discurso crítico modernista” (2006, p. 08). Pelos visto, a presença do espaço familiar nas narrativas de autoria feminina é significativa porque é no interior de suas casas que as mulheres vivenciam os efeitos repressivos do processo de socialização, daí os textos produzidos por mulheres trazerem, muitas vezes, a marca dessa opressão.

*A sombra do patriarca*², obra escrita por Alina Paim, é um romance narrado em primeira pessoa, em fluxos de consciência, por um eu autodiegético que conta sua estória, englobando parte da sua infância e adolescência, num tempo e espaço da memória. A narrativa desenvolve-se num período de aproximadamente noventa dias, iniciando com a partida da protagonista para a rica fazenda Fortaleza, acompanhada de seu pai, com o propósito de conhecer o “tio Ramiro”. Ao chegar, Raquel é acometida por um forte impaludismo que a forçou a permanecer por mais tempo naquele lugar, confinada em um quarto de hóspedes. Devido ao trabalho, o pai teve que retornar, deixando-a entregue aos cuidados das mulheres da casa que se revezavam durante a noite, de modo que Raquel sempre se sentisse acompanhada. Porém, não era bem isso que acontecia, pois mesmo na companhia de alguém daquela família Raquel se sentia sozinha: “às vezes tenho medo quando acordo e a casa está em silêncio, vem-me a impressão de que estou só no mundo” (ASP, p. 45). Mas essa experiência permitiu-lhe conhecer um pouco mais sobre cada membro da família do misterioso tio que aos olhos da população parece ser “um patriarca, domina a família inteira – os irmãos, os filhos, os netos, genros, sobrinhos. Senhor feudal!” (ASP, p. 58).

Ramiro era “um homem baixinho e mirrado. A pele era queimada e cheia de pontinhos marrons como as mãos, olhos fundos, cabelos ralos, e os lábios curtos e delgados mal cobriam dentes amarelados. (...) era um velho feio e de voz áspera” (ASP, p.19). Amélia, a esposa silenciosa “era mansa e sorradeira, reservava para si o direito de olhar as coisas, de observar as pessoas, uma a uma, guardar seu julgamento” (ASP, p. 17). Raquel logo percebeu que “ela era uma sombra em tudo, ninguém contava com ela. Vivia para o marido”. (ASP; p. 53). O casal tinha uma filha Tereza, criada à imagem e semelhança do pai: austero, interesseiro, cruel; estava sempre ponta a tirar vantagem

² ASP será usada para *A sombra do patriarca*

sobre alguém. Fútil, preocupava-se apenas em fazer com que a filha mais nova arranjasse um “bom” casamento.

Havia ainda os primos Anita, Leonor e Abelardo, filhos de Tereza e Oliveira. Abelardo era o neto preferido, fazia parte dos sonhos do velho “Abelardo é meu neto. Será o meu continuador, seguirá engenharia e, no futuro, tomará conta das terras da usina” (ASP, p. 21). Anita, a mais nova de todos, estava sempre sob o olhar da avó “de vez em quando tia Amélia olhava mais demoradamente para Anita, o que me fez suspeitar logo que fosse a sua preferida” (ASP, p. 20). Logo de início Raquel observou que Leonor era diferente: “Apenas ela quebrava a monotonia. Ela era a diferença. (...) falava raramente para dizer coisas essenciais, quase sempre em resposta a perguntas que lhe eram dirigidas. Possuía um olhar penetrante” (ASP, p. 23).

Com o passar do tempo Raquel sente-se fortalecida na amizade com Leonor e desabafa “(...) o que mais me custa nesta casa é ficar calada” (ASP, p. 48). Ambas partilham o sonho de se profissionalizar: Raquel queria ser advogada e Leonor, médica, porém, essa idéia frustra o tio que tenta convencer a primeira: “Deve sentir-se feliz de ser professora. Seu pai fez muitos sacrifícios para educá-la. (...) advocacia não foi feita para a mulher. Nem todas as profissões são próprias para uma moça” (ASP, p. 46). Mas Raquel o desafia: “Tio Ramiro, não penso assim. A mulher pode competir com o homem e vencer em qualquer coisa e até engenharia, apesar das dúvidas de muitos homens sobre suas aptidões para a matemática” (ASP, p. 47).

A obra de Alina estende-se como uma pintura artística das vidas de várias famílias em conflitos e vela, nas entrelinhas do texto, uma crítica à sociedade patriarcal que vê o espaço da mulher limitado apenas ao ambiente da casa: “A mulher foi feita para tomar conta da casa, cuidar do marido e criar os filhos. Ser professora já é uma concessão” (ASP, p. 46). Com o passar do tempo a casa vai tomando proporções de um grande calabouço, o local das torturas em cujos corredores e quartos são velados os desafogos da protagonista, também espaço de sofrimento de todas as personagens femininas:

Depois das três semanas que passei no quarto da frente, retida na cama, (...) tendo a sensação angustiante de estar prisioneira entre aquelas pessoas de atitudes duvidosas, (...) compreendi em toda a sua extensão a ambição e a violência desse homem que com uma vontade de ferro dobrou todas aquelas vidas, torceu os destinos de tantas pessoas para que nada fugisse à sua determinação, nem escapasse a seus planos (ASP, p. 15).

A narrativa enfatiza que “Tereza era a própria imagem do pai”, de modo que quando o “coronel” tinha que se ausentar seu posto logo era assumido por ela. Na verdade, ela se une a ele, por uma questão de proteção; ela casa-se com Oliveira, para não ser mais um “aleijão”, isto é, uma solteirona, o que causaria vergonha à família e prejuízo ao pai. Tereza se acomoda na condição de chocadeira dos futuros herdeiros da Fortaleza. Usando de um forte poder de persuasão, tenta convencer Raquel que o pai era um homem que visava apenas a proteção e bem estar de todos,

Desde ontem venho procurando oportunidade para conversar a sós com você, lhe dar conselhos. (...) não é de admirar que me ache com o direito de lhe abrir os olhos sobre umas tantas idéias que lhe podem prejudicar no futuro (...) até hoje, mãe de família, casada, nunca repliquei às palavras de papai, ele sabe o que diz e tem razão quando ordena muita coisa. Estou ao seu lado quando diz que o mundo seria melhor se se falasse menos em liberdade e em independência. (...) Você é nossa hóspede, não devia tocar neste assunto e sim ignorá-lo (ASP, p. 64).

Evitando encontrar-se com Tereza, a protagonista entrega-se às infundáveis leituras de “Ressurreição” de Tolstoi” (ASP, p. 111), que havia ganhado de D. Gertrudes, uma espécie de “Luz da revolta (...) que iluminaria as trevas do seu servilismo, mostrando o caminho” (ASP, p.79). O título do livro é sugestivo para o momento conflituoso em que se encontra Raquel. A esta obra a aproxima cada dia mais da velha professora, que lhe conforta: Agora: “A timidez e a covardia não são difíceis de vencer, precisa unicamente, Raquel, de uma força – de uma idéia que esteja viva constantemente dentro de sua alma, em que você creia” (ASP, p. 88).

Raquel defendia a todo custo o segredo de Leonor, de partir com ela para Curral Novo e de lá, seguir o curso da sua vida, “Queria liberdade” (ASP, p. 52). Para todos os efeitos, ela estava indo apenas para acompanhar a prima, “(...) estávamos sozinhas naquele labirinto, vigiadas por todos, prestes a ser envolvidas pelas malhas de uma armadilha” (ASP, p. 69). Sabia-se um incomodo para muitas pessoas. Então, aproveita o fato de o médico da família lhe ter liberado do confinamento, resolve seguir para a fazenda da tia Celina. Só o fato de se saber partindo no dia seguinte, o coração “havia ficado mais acessível” (ASP, p. 100). O próximo destino significava um retorno aos momentos felizes da infância “meu coração se alegrou, era como se no horizonte

aparecesse a primeira nuvem de púrpura, prenunciando uma aurora que não tardaria” (ASP, p. 108). Assim prossegue a partida,

Raquel resolvi seguir com você para Cural Novo. Não disse nada a ninguém, mas já tenho tudo preparado. Passaremos dois meses tranquilas. (...) sairei desta usina sem voltar os olhos, sacudirei com nojo o pó destas terras adquiridas e mantidas pela exploração de dia a dia. Não terei saudades da vida nesta Fortaleza (ASP, p.113).

A narrativa descreve tanto a forte relação de confiança entre ambas “um riso novo pairou nos lábios da minha amiga e sentia pressão de sua mão sobre a minha, um gesto de confiança. Ficamos entres silenciosas aos pensamentos que nos assediavam” (ASP, p. 114). Quanto a vontade intimidade de ambas com a natureza,

Meus ouvidos escutavam o segredo de vozes anônimas que o vento trazia de longe em sua ronda. (...) é nessas horas mortas de silêncio que as sementes apodrecem na terra, para despedaçar suas cadeias no impulso da germinação. Acompanhamos a sinfonia da terra, muita coisa germinou dentro de mim, crescendo como hera viçosa, afogando tudo, na água que caía da chuva. (...) e no silêncio, nossos olhos perceberam visões soberbas nas trevas da noite, meus ouvidos ouviram um canto maravilhoso, feito côro imenso das vozes solitárias de milhões” (ASP, p.115).

As vozes “solitárias de milhões” metaforizam o clamor das vozes femininas na luta pela conquista de espaços em meio a uma sociedade falocêntrica. Elas se insurgem como uma forma de denunciar a violência contra a mulher; esta, por sua vez, vem a ser uma marca – ou uma situação – à qual as mulheres devam resistir e contra a qual se esforcem por se construir. Na denúncia da violência, as mulheres se unem, procuram rever seus problemas, histórias e contradições, reorganizando-se. O Cural Novo, que em “tudo era primitivo” (ASP, p, 122), representa as forças libertadoras que se contrapõem àquelas relativas à fazenda Fortaleza, entendida como o grande “monstro que vomita golfadas de fumaça escura (ASP, p. 34). No Cural Novo, Raquel toma conhecimento através da preta velha Lucrécia, das atrocidades praticadas por seu avô, pai do Sr. Ramiro. Muito emocionada com a presença de Raquel, contou toda a história da família “Com uma narrativa cheia de recordações ligadas à sua mocidade de escrava presa àquela terra e acorrentada a seus senhores” (ASP, p. 147). Assim Raquel toma conhecimento de todo o passado da família, que seus pais “amaram muito e muito sofreram. Eles lhe pareceram dois seres muito humanos” (ASP, p. 153).

Alina Paim constrói uma narrativa centrada na exposição dos conflitos da jovem Raquel, que motivada pelo desejo de descobrir suas raízes, se depara com um mundo tirânico, e opressor – o mundo do Pai, cujo poder está expresso no nome da propriedade em que vive: Fortaleza. Através da voz da personagem, Alina resgata uma parte da história do Nordeste da década de 30, quando se vive o *boom* das usinas de açúcar, e a mulher não tem voz ativa numa família que se rege por princípios e valores patriarcais que concedem ao macho o poder de vida e morte sobre os demais.

Notadamente o discurso ficcional de Paim tem a feição de um discurso renovado (em relação à literatura de produção feminina anterior), pois apresenta suas idéias sobre a condição feminina; de modo geral, a narrativa apresenta uma nova visão da mulher que, através de uma forma contestadora de atuação no mundo, subverte os padrões comportamentais tradicionalmente exigidos do “segundo sexo”: por não aceitar as regras “ditadas” pelo tio (que representa o poder esmagador da sociedade falocêntrica) Raquel traz a marca dos “deslocados”, claramente expressa na narrativa pelo uso do termo “diferente”. Assim como a protagonista, a própria autora também traz esta marca, pois se encontra à margem do sistema da Literatura brasileira. Não apenas por preconceito racial ou social, mas, principalmente pela condição do feminino.

O feminismo crê que toda escritura está marcada pelo gênero, o que significa dizer que a mulher ou o homem deixam inscritos na linguagem suas visões de mundo, seus prazeres e desprazeres, suas experiências ideológicas. O feminismo de Alina Paim reside na forma de ver e ler o mundo, na simplicidade das atitudes que se impõem ao sistema patriarcal. Sua escritura mostra que os lugares do feminino têm sido mais ricos em potencialidades do que o mero exame da divisão das responsabilidades socialmente atribuídas faz supor.

O imaginário, as mentalidades, as representações, os saberes, a construção de identidades sociais, os processos de individuação, são ângulos privilegiados para tratar da condição da mulher. Esses estudos tentam dissolver idéias feitas, na medida em que mostram como os códigos sociais têm sido atualizados em práticas. Paim nos apresenta com um romance em que vemos na personagem Raquel que contemplando o universo familiar com um olhar crítico, insurge-se como uma mulher liberada, que rompe com o Pai, com a casa, e caminha consciente de si mesma, desembarca (socialmente) das trilhas que os outros lhe apontaram, fazendo valer a sua própria voz. A narradora

representa a mudança da ordem e atribuição hierárquicas de valor, válidas durante decênios. Ao romper as ordens do “patriarca” ela impõe a singularidade, faz-se sujeito da história, torna-se capaz de levar a prima Leonor a ver outras versões de sua realidade social e pessoal.

Entendemos que a mulher idealizada por Paim faz parte do rol daquelas que, segundo Nelly Novaes (1993, p. 11-17) são gestadas por uma consciência autoral amadurecida, que “escavam a problemática feminina do ponto de vista da mulher” e que, ultrapassando os limites de feminino convencional abrangem uma dimensão maior da condição humana, posicionando-se em relação à falência do “modelo” de comportamento herdado da sociedade tradicional. A personagem Raquel estende-se como a ruptura da autora com o modelo tradicional, ao usar da transgressão, ela busca uma nova imagem que lhe permita identificar-se com segurança, a imagem de uma “nova” mulher: espiritualizada, companheira, dona de si mesma.

Referências

- COELHO, Nelly Novaes. 1993 *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano.
- GERGEN, Mary McCanney. 1994. *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- PAIM, Alina Leite. 1950. *A sombra do patriarca*. Rio de Janeiro: Editora Globo.
- SCHMIDT, Rita T. (org.). 1997. *Mulheres e Literatura: (Trans) Formando Identidades*. Porto Alegre: Palloti,.
- XAVIER, Elódia. 2006. A representação família no banco dos réus. In *Interdisciplinar*, revista de estudos de língua e literatura. Nº. 01, vol. 01. 2006.
- _____. 1998. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- _____. 1990. *Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.